UMA IGREJA SOB MEDIDA NÃO É A IGREJA FEITA PARA VOCÊ. É A IGREJA MEDIDA PELO EVANGELHO.

Em um tempo de igrejas surgindo por todos os lados, escândalos expostos e confusão teológica, precisamos voltar à pergunta essencial: o que faz uma igreja ser, de fato, igreja? Neste livro, Rodrigo Bibo e Luiz Henrique propõem uma resposta bíblica, prática e necessária a essa questão. Não para formar fiscais de culto ou sommeliers de igrejas, mas discípulos capazes de reconhecer comunidades saudáveis, ajudar na restauração das que adoeceram e rejeitar formas de igreja e espiritualidade que já não refletem o evangelho de Cristo.

igrejasobmedida.com.br



Escola Bibotalk de Teologia

Thomas Nelson Brasil

9 786552 176899

RODRIGO **BIBO**

LUIZ HENRIQUE

CAPÍTULO EXTRA

Distribuição gratuita, venda proibida. Distribuição gratuita, venda proibida.

IGREJA SOB MEDIDA

COMO ESCOLHER UMA IGREJA À LUZ DO EVANGELHO



RODRIGO BIBO LUIZ HENRIQUE

IGREJA SOB MEDIDA

COMO ESCOLHER UMA IGREJA À LUZ DO EVANGELHO

Escola Bibotalk de Teologia

THOMAS NELSON BRASIL

Copyright © Luiz Henrique e Rodrigo Aquino, 2026.
Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta publicação são reservados à Vida Melhor Editora Ltda. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

As citações bíblicas são da Nova Versão Internacional (NVI), da Biblica Inc., salvo indicação contrária.

Revisão: Eliel Vieira e Daila Fanny Eugênio
Ilustração: Guilherme Match
Design de capa e projeto gráfico: Gabê Almeida
Diagramação: Joede Bezerra

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de suas equipes editoriais.

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA. Todos os direitos reservados.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A - Centro,
Rio de Janeiro/RJ - CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.thomasnelson.com.br

APRESENTAÇÃO

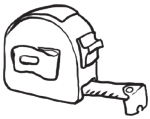
Você tem em mãos um capítulo extra de *Igreja sob medida*. Ele nasceu como uma continuação natural da conversa do livro, no qual propomos seis dimensões essenciais para discernir a saúde de uma comunidade cristã: comunhão, imitação, serviço, administração, revelação e missão.

Mas faltava uma medida incômoda: a subversão.

A subversão é a dimensão profética da igreja. Ela nos lembra que o povo de Deus não existe para preservar estruturas a qualquer custo, mas para testemunhar Cristo com fidelidade. Às vezes, isso significa denunciar o que adoece a comunidade, questionar o que não é bíblico mas tornou normal e abrir espaço para o sopro do Espírito onde já nos acostumamos com a fumaça.

Este capítulo é um convite ao discernimento, ao arrependimento e à esperança. Porque Cristo continua fazendo novas todas as coisas, inclusive dentro da própria igreja.

Bibo e Luiz



SUBVERSÃO, A DIMENSÃO PROFÉTICA

A verdadeira religião deveria ser capaz de reagir às melodias sombrias, aos sons falhos e medonhos que ecoam do coração dos homens.
— Shūsaku Endo, Escândalo[1]

Quando você ouve a palavra "profeta", o que lhe vem à mente? Talvez um homem barbudo anunciando o futuro ou alguém que sobe ao palco afirmando ter uma palavra que veio "diretamente do Senhor", revelando nomes, datas e detalhes

1 ENDO, Shūsaku. *Escândalo*. Trad. de Mário Vilela e Aline Storto Pereira. São Paulo: Planeta, 2019.

escondidos da vida de desconhecidos. Para muitos cristãos, especialmente no contexto evangélico contemporâneo, este é o retrato do ministério profético: pessoas capazes de acessar informações sobrenaturais que ninguém mais poderia conhecer – quase um oráculo emocional que resolve nossa ansiedade sobre o futuro – e que nos dizem o que está por vir. Mas essa imagem diz muito pouco sobre os profetas da Bíblia.

QUEM FORAM OS PROFETAS?

Quando abrimos as Escrituras, encontramos figuras bem mais ásperas e menos interessadas em impressionar plateias: homens e mulheres chamados não para satisfazer curiosidades, mas para confrontar esquecimentos. Se tivéssemos que resumir o ministério profético do Antigo Testamento em uma única frase, seria: o profeta é aquele que chama o povo de Deus de volta à fidelidade da aliança.[2]

O PROFETA É AQUELE QUE CHAMA O POVO DE DEUS DE VOLTA À FIDELIDADE DA ALIANÇA.

2 Referência à aliança registrada nos cinco primeiros livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), tradicionalmente chamados de Torá.

Os profetas não surgiram porque Deus desejou satisfazer a curiosidade humana sobre o futuro. Eles apareceram quando Israel se esqueceu quem era. Assim, a principal tarefa profética nunca foi prever acontecimentos, mas interpretar a história à luz da aliança que Deus havia estabelecido com seu povo. Por isso, os profetas eram guardiões da memória – não no sentido de arquivistas religiosos, preocupados em preservar tradições, mas como sentinelas espirituais, atentos a qualquer sinal de que o povo estava se esquecendo de onde havia sido tirado e para o que fora chamado.

Eles se recusavam a deixar Israel normalizar o pecado, esquecer a libertação do Egito ou transformar o culto em mero ritual. Quando os israelitas aprendiam a conviver com a idolatria, Deus lhes enviava um profeta para lembrá-los que aquilo não era normal. A vocação do profeta consistia em impedir que o povo confundisse comodismo com fidelidade – duas coisas que, à distância, podem até parecer semelhantes, mas que na prática levam a caminhos completamente opostos.

Uma característica que une praticamente todos os profetas da Bíblia é o fato de enxergarem a realidade de maneira diferente. Enquanto a maioria das pessoas aceitava o mundo tal qual estava, os profetas insistiam em compará-lo com o que Deus desejava que fosse.

A referência profética nunca foi a cultura dominante, a opinião da maioria ou o poder político do momento – critérios que mudam de geração para geração. O parâmetro era a aliança, um elemento estável o suficiente para julgar qualquer época, inclusive a nossa.

É justamente aqui que surge uma característica curiosa do ministério profético: ele quase sempre parece inconveniente. Não porque os profetas causassem desconforto por esporte, mas porque a fidelidade que anunciam raramente combina com os interesses de quem já está confortavelmente instalado no poder.

Na Bíblia, os profetas raramente ocupavam posições de prestígio. Em geral, falavam às estruturas religiosas, mas do lado de fora. Enquanto sacerdotes preservavam o culto e reis administravam a nação, os profetas perguntavam se tudo aquilo ainda fazia sentido à luz da vontade de Deus. Eles eram a consciência crítica de Israel, lembrando que nenhuma instituição, por mais importante que fosse, poderia substituir a obediência ao Senhor.

ENQUANTO SACERDOTES PRESERVAVAM O CULTO E REIS ADMINISTRAVAM A NAÇÃO, OS PROFETAS PERGUNTAVAM SE TUDO AQUILO AINDA FAZIA SENTIDO À LUZ DA VONTADE DE DEUS. ELES ERAM A CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE ISRAEL.

Os profetas entravam em conflito com reis, sacerdotes e até mesmo com o próprio povo porque denunciavam aquilo que todos haviam aprendido a aceitar. Nomeavam injustiças que pareciam inevitáveis, tão entranhadas na vida cotidiana que ninguém mais as percebia como problema. Exibiam rachaduras em estruturas consideradas inquestionáveis, revelando que aquela solidez aparente era, na verdade, uma fachada construída sobre uma base comprometida.

IMAGINAÇÃO PROFÉTICA

O ministério profético articula três momentos diferentes da história. Ele olha para o passado e lembra o que Deus prometeu, recusando-se a deixar que o povo se esqueça de onde veio. Observa o presente e denuncia tudo aquilo que contradiz essa promessa, apontando para o que a maioria prefere ignorar. Por fim, vê o futuro e anuncia aquilo que Deus ainda fará, mesmo quando as circunstâncias presentes parecem impossibilitar essa promessa. É essa terceira dimensão que torna o profeta tão singular, e é aqui que a maioria das pessoas costuma falhar em compreender o que realmente está em jogo.

O profeta não é apenas alguém que denuncia. Qualquer cínico consegue apontar defeitos; qualquer comentarista explica, com boa retórica, por que tudo está errado. O profeta faz algo muito mais difícil e raro: ele imagina um futuro governado por Deus e convida o povo a viver, desde agora, à luz dessa realidade ainda não plenamente manifesta.

O teólogo Walter Brueggemann chama isso de "imaginação profética":[3] a capacidade de romper o monopólio da realidade tal como ela se apresenta. O profeta se recusa a acreditar que o mundo atual é o único possível. Enquanto todos dizem "sempre foi assim", ele responde: "o reino de Deus será diferente". Essa esperança concreta, ancorada nas promessas divinas, impede a denúncia profética de se transformar em mero ressentimento ou amargura disfarçada de zelo.

OS SUBVERSIVOS

Em outras palavras, o ministério profético sempre foi profundamente subversivo.

3 Ele desenvolve essa ideia em BRUEGGEMANN, Walter. *A imaginação profética*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025. p. 224.

Esse termo pode soar incômodo, afinal, é quase sempre associado a algo perigoso, destrutivo ou fora de controle. No senso comum, "subverter" significa destruir a ordem, provocar desordem ou promover rebelião. Contudo, antes de nos posicionarmos a favor da ordem e contra a subversão, precisamos nos perguntar que ordem é essa – por quem foi estabelecida? Quem ela beneficia? Quem ela deixa de fora? Afinal, durante séculos, o termo foi usado para rotular e perseguir opositores políticos, justificar a censura e condenar movimentos de resistência.

É justamente no sentido de enfrentamento de sistemas corruptos que a atividade profética pode ser compreendida. Nesse contexto, subverter não se trata de defender a desordem, mas de virar de cabeça para baixo aquilo que já estava invertido. Não se trata de desestabilizar uma ordem justa, mas de denunciar que a ordem vigente já era, ela mesma, uma inversão da vontade de Deus. É recusar uma falsa normalidade para recuperar a ordem verdadeira, reconhecendo que aquilo que todos dizem ser "as

SUBVERTER NÃO SE TRATA DE DEFENDER A DESORDEM, MAS DE VIRAR DE CABEÇA PARA BAIXO AQUILO QUE JÁ ESTAVA INVERTIDO.

coisas como elas são" pode, na verdade, ser uma distorção que se convencionou a tomar por realidade.

O tipo de subversão ensinado pela Bíblia não é o oposto da fidelidade, mas uma de suas expressões mais radicais. Sempre que a cultura, a política ou até mesmo a religião contrariam o reino de Deus, permanecer fiel inevitavelmente parece um ato de rebeldia. O fiel não mudou, foi o mundo ao redor que se desviou tanto que a vida em fidelidade parece ser uma afronta aos "bons costumes".

Foi o que aconteceu com João Batista, talvez o exemplo mais vívido dessa dinâmica em toda a Escritura.

JOÃO BATISTA

Filho de um sacerdote, João jamais encontrou sua identidade dentro das estruturas sacerdotais que, naturalmente, deveriam ter sido o seu destino. Em vez de servir no templo, foi para o deserto. Em vez de vestir as roupas do prestígio religioso, cobriu-se com pelos de camelo. Em vez de oferecer sacrifícios dentro dos limites aceitáveis do culto, convocava Israel inteiro ao arrependimento – um convite que soava ainda mais estranho pelo fato de ser feito por alguém que deveria estar dentro do sistema, e não gritando contra ele do lado de fora. Sua mensagem não se dirigia

aos pagãos, mas ao próprio povo da aliança. Seu dedo apontava para aqueles que se julgavam preparados para a chegada do Messias e dizia-lhes, sem qualquer cerimônia: "Fazemos parte do problema".

É significativo que boa parte de seus opositores fosse os líderes religiosos de Israel, pessoas que, em tese, seriam as primeiras a reconhecer a voz de Deus. No entanto, haviam se acomodado tanto ao sistema que não conseguiam mais ouvi-la. João compreendia o que todos os profetas antes dele compreenderam: a maior ameaça ao povo de Deus raramente vem de fora. Ela vem da própria comunidade, quando ela passar a chamar de "fidelidade" aquilo que Deus chama de "idolatria"; quando o vocabulário da fé permanece o mesmo, mas o conteúdo que ele designa mudou sem que ninguém percebesse.

Por isso, antes de denunciar impérios, os profetas denunciavam Israel. Antes de confrontar as nações, confrontavam a casa de Deus. A voz profética precisa começar entre nós. A igreja

A VOZ PROFÉTICA PRECISA COMEÇAR ENTRE NÓS. A IGREJA PERDE TODA AUTORIDADE PARA FALAR AO MUNDO QUANDO SE RECUSA A OUVIR A SI MESMA. ESSE É UM TIPO DE MINISTÉRIO QUE TODA IGREJA SAUDÁVEL PRECISA CULTIVAR.

perde toda autoridade para falar ao mundo quando se recusa a ouvir a si mesma. Esse é um tipo de ministério que toda igreja saudável precisa cultivar.

JESUS, O PROFETA

O profeta não cria a esperança; ele a anuncia. Não produz o reino; testemunha sua chegada. Não transforma corações por conta própria; proclama a Palavra por meio da qual o Espírito realiza essa transformação, muitas vezes sem que o próprio profeta veja o resultado de seu anúncio. Dessa forma, toda esperança profética aponta inevitavelmente para Cristo, o único capaz de completar aquilo que os profetas apenas vislumbraram.

Embora os profetas tenham anunciado vida, nenhum deles conseguiu vencer a morte. Denunciaram a idolatria, mas não foram capazes de libertar definitivamente o povo dela. Anunciaram uma nova criação, mas apenas um deles, de fato, inaugurou essa nova criação, de dentro para fora.

JESUS É O VERDADEIRO PROFETA PORQUE ELE MESMO É O REINO DE DEUS INVADINDO A HISTÓRIA.

Jesus é o verdadeiro profeta porque ele mesmo é o reino de Deus invadindo a história.

Enquanto Ezequiel teve visões do vale dos ossos secos (Ezequiel 37), Jesus entrou no vale e assumiu nossa própria morte, descendo ao silêncio do túmulo em nosso lugar. Ao ressuscitar e enviar seu Espírito no Pentecostes, concretizou na história aquilo que Ezequiel apenas contemplou em visão, séculos antes. O sopro que levantou o exército de ossos é o mesmo Espírito que, no Pentecostes, seria derramado sobre a igreja.

A cruz é o ato profético definitivo em que denúncia e esperança se encontram de maneira irrepetível. Nela, Cristo denunciou toda falsa pretensão do poder humano – político, religioso e espiritual – e, ao mesmo tempo, inaugurou uma nova humanidade reconciliada com Deus.

A ressurreição, por sua vez, torna impossível ao cristão considerar qualquer vale de ossos secos, por mais real e doloroso que seja, um lugar definitivamente sem esperança. Quem acredita que Cristo venceu a morte não pode ser um pessimista incorrigível, por pior que seja a paisagem à sua frente.

> *A igreja, por meio de suas palavras e de seus atos singulares de generosidade e antecipação, abre o mundo para novas possibilidades que*

> *tornam impotentes todas as antigas possibilidades. Os poderes da morte fizeram o melhor (ou o pior) que puderam na Sexta-Feira; esses poderes não conseguiram prevalecer. Fica evidente que são inoperantes diante do poder de vida de Deus. E, portanto, a igreja continua a zombar da morte e a celebrar a dádiva da vida invencível.*[4]

A igreja precisa desesperadamente da dimensão profética como parte de sua identidade, em vez de um acessório opcional para revelar informações escondidas ou prever o futuro com precisão. Ela precisa de homens e mulheres que, diante dos vales de morte da história – sejam pessoais, sejam comunitários, sejam institucionais –, continuem anunciando que Deus ainda faz viver aquilo que todos consideram perdido.

No fim das contas, a vocação profética sempre foi olhar para o mundo exatamente como ele é, sem ilusões nem negação, e, ainda assim, se recusar a crer que ele permanecerá desse jeito para sempre.

---

4 BRUEGGEMANN, Walter. *Um evangelho de esperança*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020. p. 31.

PROFETAS FALAM PRIMEIRO ENTRE NÓS

Existe uma tentação antiga na vida da igreja, tão antiga quanto a própria história do povo de Deus. Ela consiste em imaginar que a voz profética existe principalmente para denunciar os pecados "lá de fora". É confortável apontar para a corrupção da política, para a decadência da cultura ou para as injustiças da sociedade – afinal, isso não exige de nós nenhuma mudança. Tudo isso faz parte da missão da igreja, mas essa nunca foi a primeira tarefa dos profetas, como vimos anteriormente.

Essa talvez seja a característica mais desconcertante do ministério profético. Os profetas pertenciam ao povo que confrontavam. Sofriam com ele, oravam por ele, amavam-no profundamente. Não falavam como estranhos de fora, julgando de longe, mas como membros da própria família, apontando uma ferida que é "nossa", e não "deles".

POUCAS COISAS SÃO TÃO PERIGOSAS PARA UMA COMUNIDADE QUE CONTINUAR FUNCIONANDO NORMALMENTE – COM SEUS CULTOS, SUAS PROGRAMAÇÕES, SUA APARÊNCIA DE SAÚDE –, ENQUANTO PERDE, POUCO A POUCO, SUA CAPACIDADE DE ESTRANHAR O PECADO.

Poucas coisas são tão perigosas para uma comunidade que continuar funcionando normalmente – com seus cultos, suas programações, sua aparência de saúde –, enquanto perde, pouco a pouco, sua capacidade de estranhar o pecado.

Toda cultura possui um cheiro próprio, algo que a identifica e a diferencia das outras. No começo, distinguimos o cheiro com clareza, e isso até incomoda. Mas depois de algum tempo em sua presença, nos acostumamos, até que chega o dia em que não sabemos a diferença entre ar puro e a fumaça que respiramos todos os dias.

Algo semelhante acontece com a igreja. Existem pecados que deixam de nos escandalizar. Estruturas que deixam de ser questionadas, simplesmente porque "sempre foram assim". Práticas que se tornam "inevitáveis", mesmo quando contradizem o evangelho. Lideranças que não prestam contas, protegidas por um respeito que já não se justifica. Abusos que são escondidos em vez de confrontados com a seriedade que merecem.

Em momentos como esse, a igreja precisa de uma voz profética, alguém disposto a questionar o que ninguém mais tem coragem: "Quem está sendo protegido por essa estrutura?", "Quem está pagando o

preço por esse silêncio?" "O que estamos chamando de 'prudência' e que Deus, olhando de perto, chamaria de 'covardia'?".

A voz profética oxigena a igreja. Ela abre as janelas quando todos já se acostumaram com a fumaça e nem se lembram mais de como é respirar ar puro. Ela devolve o perfume do evangelho para comunidades que não percebiam o quanto se acostumaram, sem perceber, a respirar um ar tóxico. Talvez fosse isso o que Paulo tinha em mente quando escreveu: "Não se amoldem ao padrão deste mundo" (Romanos 12:2).

Toda igreja precisa cultivar pessoas que façam perguntas incômodas. Mas aqui vale uma distinção importante: não se trata de cultivar pessoas críticas, que encontram prazer em apontar falhas onde quer que estejam, mas de formar pessoas profundamente comprometidas com o evangelho, cuja insistência incômoda nasce do amor, não do desprezo. Há uma enorme diferença entre essas duas posturas, ainda que pareçam semelhantes. O crítico ama estar

O CRÍTICO AMA ESTAR CERTO; O PROFETA AMA A IGREJA. O CRÍTICO DESEJA VENCER UM DEBATE E PROVAR SEU PONTO; O PROFETA DESEJA, ACIMA DE TUDO, VER O POVO VOLTAR PARA DEUS.

certo; o profeta ama a igreja. O crítico deseja vencer um debate e provar seu ponto; o profeta deseja, acima de tudo, ver o povo voltar para Deus. O crítico denuncia por desprezo; o profeta denuncia porque o amor que o impede de ficar calado.

Há vários exemplos de vozes proféticas que atuaram nos moldes que apresentamos anteriormente, homens e mulheres fiéis à Palavra que não tiveram medo do sistema religioso e o confrontaram com amor e firmeza. Citamos dois casos como ilustração.

William Wilberforce (1759-1833)

Costuma-se contar a história de William Wilberforce como a de um parlamentar cristão que enfrentou um grande mal secular. Essa versão, porém, ignora o que há de mais incômodo em sua trajetória: o tráfico de escravizados que ele combateu durante quase vinte anos no Parlamento britânico não era um pecado praticado apenas do lado de fora da igreja.

Partes da igreja não só se silenciavam diante da escravidão, mas lucravam com o sistema, conferiam-lhe respeitabilidade moral e utilizavam sua influência política para preservá-lo. Por exemplo, em 1710, uma organização missionária ligada à Igreja

da Inglaterra – a *Society for the Propagation of the Gospel in Foreign Parts* (Sociedade para a Propagação do Evangelho em Terras Estrangeiras, em tradução livre) – herdou duas plantações de cana-de-açúcar em Barbados: Codrington e Consett. Os escravizados que trabalhavam nessas propriedades eram marcados a ferro no peito com a palavra *Society*, para que fossem devolvidos caso fugissem. Os bispos anglicanos estavam plenamente cientes da situação e se envolviam na administração dos negócios.[5]

Wilberforce denunciou uma religião que se mostrou capaz de preservar o calendário litúrgico, o vocabulário devocional e a respeitabilidade social da elite inglesa mesmo diante do fato de a consciência dessa mesma elite ter sido comprada pelo açúcar produzido nas Antilhas. Frequentavam os cultos, defendiam a moral cristã, contribuíam com organizações missionárias e, ao mesmo tempo, usufruíam dos benefícios econômicos de um sistema construído sobre o sequestro, o trabalho forçado e a morte.

Ele chamou essa prática de "cristianismo nominal" e o contrastou ao cristianismo verdadeiro,

---

5 "Church of England's plantations in Barbados". Disponível em: https://www.fulhampalace.org/resistance/church-of-england-plantations/. Acesso em: 12 de agosto de 2026.

uma fé que não se limitava à adesão pública a doutrinas e práticas religiosas, mas alcançava os afetos, os hábitos, as relações sociais e as decisões políticas. Em uma anotação de seu diário, feita em 1787, Wilberforce registrou os dois grandes objetivos que acreditava ter recebido de Deus: suprimir o tráfico de escravizados e reformar os costumes ingleses. O fato de os dois objetivos aparecerem juntos é revelador. Para ele, não seria possível combater o tráfico sem confrontar também a religião, a moralidade e os interesses econômicos que o tornavam aceitável. A abolição exigia mais do que modificar uma lei. Era necessário reformar a consciência de uma sociedade que aprendera a orar sem perceber que sua mesa estava posta sobre a violência.[6]

Em julho de 1833, o projeto de abolição concluiu seus trâmites na Câmara dos Comuns e alguns dias depois, Wilberforce morreu. O projeto recebeu o assentimento real em 28 de agosto daquele ano, tornando-se a lei que determinaria a emancipação gradual dos escravizados na maior parte do império britânico.

A história de Wilberforce revela uma verdade desconfortável: às vezes, o grande pecado que a

6 TRUESDALE, A. (org.). *Heróis da igreja*: grandes nomes da história do cristianismo. v. 4. São Paulo: Mundo Cristão, 2020. p. 70-74.

igreja precisa combater está sentado em seus bancos, financiando suas instituições, moldando sua teologia e falando fluentemente seu vocabulário. A igreja, com sua voz profética, também é a consciência da sociedade.

ROSA PARKS E JOAQUIM NABUCO

A história de Rosa Parks costuma ser lembrada como um marco da luta pelos direitos civis, quase sempre contada como o gesto isolado de uma mulher corajosa. Contudo, o movimento não nasceu apenas de ativistas políticos organizados fora da fé. Ele nasceu, em grande medida, dentro das igrejas negras, que rapidamente se tornaram sua espinha dorsal.

Essas comunidades ofereceram seus púlpitos, seus salões e sua liturgia para sustentar uma resistência moldada pelo evangelho, não apenas por estratégia política. Naqueles templos, de maneira muito concreta, os crentes exerceram sua vocação profética, lembrando ao mundo que uma ordem social construída sobre a negação da dignidade humana jamais poderia ser reconciliada com o reino de Deus, por mais legítima ou tradicional que essa ordem parecesse.

Ao mesmo tempo, essa história revela um contraste doloroso, que não podemos varrer para debaixo

do tapete. Enquanto muitas igrejas negras sustentaram essa denúncia a um custo altíssimo, grande parte das igrejas predominantemente brancas preferiu preservar a estabilidade institucional a arriscá-la em nome da justiça. Chamaram justiça de desordem. Confundiram prudência com omissão, como se esperar em silêncio fosse sempre a atitude mais sábia. Defenderam a paz enquanto ignoravam a injustiça que a sustentava,[7] preferindo uma tranquilidade aparente a um confronto que julgavam desnecessário.

Essa tensão entre uma igreja que fala e uma igreja que se cala não é exclusividade norte-americana. O Brasil tem sua própria versão, e um de seus personagens mais iluminadores é Joaquim Nabuco. Filho de uma família de elite pernambucana, Nabuco poderia ter escolhido o silêncio confortável que a sua classe oferecia. Em vez disso, tornou-se a voz mais incisiva do abolicionismo brasileiro no século 19. Seu livro *O abolicionismo*, publicado em 1883, em vez de ser mero panfleto político, nas palavras do próprio Nabuco, tentava "robustecer a consciência

7 GILBREATH, Edward. "The Birmingham Eight". Em: *Birmingham Revolution*: Martin Luther King Jr.'s Epic Challenge to the Church. Downers Grove: IVP Books, 2014. cap. 5.

moral do país". Ele via a escravidão como uma injustiça a ser corrigida e, mais ainda, uma deformação que comprometia a alma de toda a nação – inclusive das igrejas que a toleravam. Nabuco foi um desertor da sua casta, como o descreveu Gilberto Freyre: alguém que, em vez de defender os privilégios herdados, usou sua voz para denunciá-los. Isso tem nome: é função profética.

UMA IGREJA QUE APRENDE A RESPIRAR

Talvez a melhor imagem para concluir este capítulo não seja a do profeta apontando o dedo, transmitindo uma ideia de denúncia e confronto. Talvez seja, em vez disso, a imagem do sopro.

Em Gênesis, Deus sopra vida sobre o pó e forma o primeiro homem. Em Ezequiel, sopra vida sobre os ossos secos de um povo inteiro no exílio. No Pentecostes, sopra vida sobre a igreja recém-nascida, dando início a um movimento que ainda continua até hoje.

O Espírito continua a fazer isso, seja qual for a época ou o cenário: ele devolve fôlego ao que estava morrendo, onde os olhos humanos não conseguiam enxergar nenhuma saída.

TALVEZ SEJA EXATAMENTE DISTO QUE NOSSAS COMUNIDADES PRECISEM HOJE: MENOS PREOCUPAÇÃO EM PRESERVAR ESTRUTURAS A QUALQUER CUSTO, E MAIS DISPOSIÇÃO PARA RECEBER NOVAMENTE O SOPRO DE DEUS.

Talvez seja exatamente disto que nossas comunidades precisem hoje: menos preocupação em preservar estruturas a qualquer custo, e mais disposição para receber novamente o sopro de Deus, mesmo que isso signifique abrir mão de certezas confortáveis. Menos medo de ser confrontada, e mais coragem para se arrepender quando o confronto se mostrar justo. Menos esforço para proteger sua reputação, e mais desejo genuíno de refletir Cristo, ainda que isso custe caro.

No fim das contas, a igreja não existe para provar que sempre esteve certa em tudo o que fez. Ela existe para testemunhar que Cristo continua fazendo novas todas as coisas, inclusive dentro da própria igreja.

Perguntas sob medida

1. Como a igreja pode cultivar e fortalecer vozes proféticas que são capazes de denunciar injustiças e propor alternativas alinhadas ao evangelho?
2. Quais exemplos você conhece, na história contemporânea, de cristãos que vivem a fé de maneira subversiva, denunciando o mal e propondo alternativas?
3. Sua comunidade valoriza e acolhe vozes críticas, inclusive de membros mais jovens ou de fora das lideranças? Se isso não é uma realidade, que passos práticos você pode tomar, com o direcionamento do Espírito Santo?

SOBRE OS AUTORES



Rodrigo Bibo é casado com Alexandra e pai de Milena e Kalel. Criou o Bibotalk em 2011 e a Escola Bibotalk de Teologia em 2022 com o objetivo de ensinar Bíblia e teologia de forma simples, descomplicada e acessível. Mestre em Teologia, é autor dos livros O Deus que destrói sonhos e Como se tornar um cristão inútil. Viaja pelo Brasil servindo igrejas no ministério da pregação e atua em Joinville, SC, como coordenador do Café Teológico em sua igreja local.



Luiz Henrique é casado com Agnes e pai de Helena e Cecília. Estuda Teologia e Letras, atuou na revitalização de uma congregação presbiteriana em SP e acompanha comunidades de fé em plantação, tanto no Brasil quanto na Europa. Congrega em SP com sua família, é mentor na Escola Bibotalk de Teologia e podcaster na Bibotalk Produções.